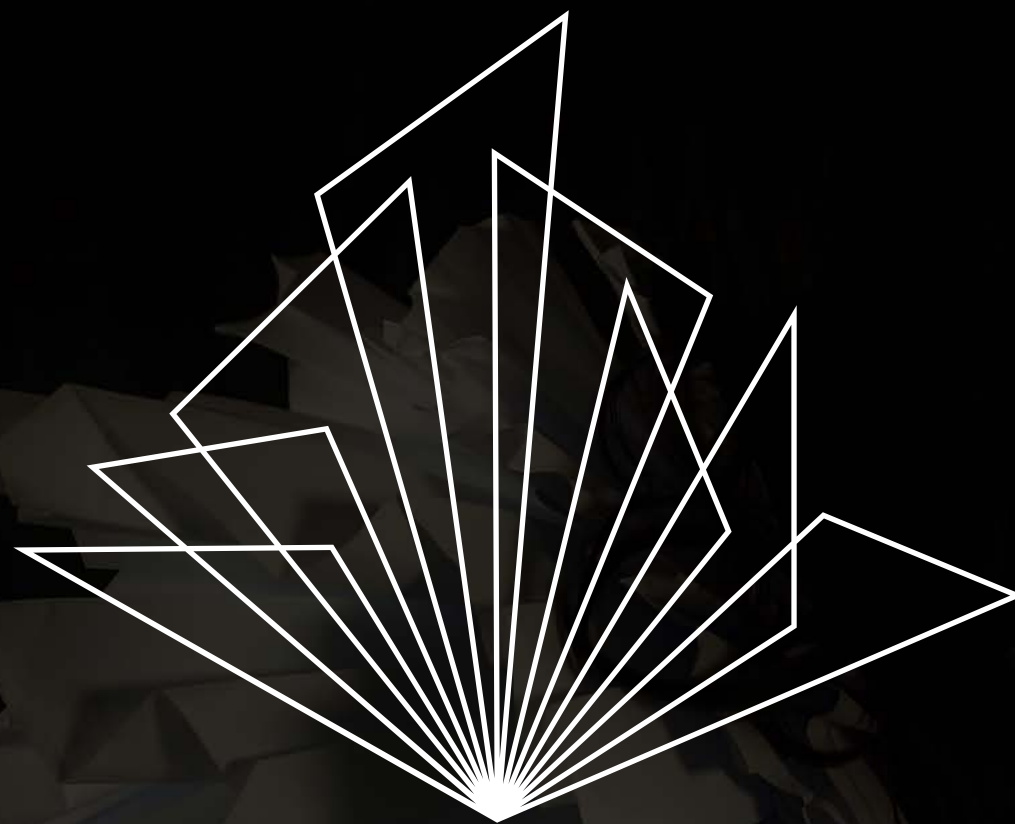
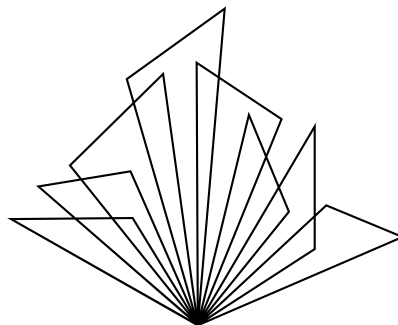




costume

Tatiane Kaori Amano

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - FAAC
Departamento de Design



costume

Tatiane Kaori Amano

Trabalho de Conclusão de Curso
Bacharelado em Design Gráfico

Orientador: Claudio Roberto y Goya

Revisão
Joyce Carr
Juliana Soares

Bauru
2017

Agradecimentos

Primeiramente agradeço à minha família: meus pais e minhas irmãs, por todo o apoio e incentivo que sempre recebi durante toda minha vida, eles são o porquê de eu estar aqui hoje.

Ao meu orientador Cláudio Goya, por ter me acolhido e por todos os momentos de vivência e aprendizado dentro e fora do projeto de extensão LabSol, foi uma época maravilhosa e essencial durante minha graduação.

À Prof.^a Dr.^a Fernanda Henriques, por diversos sorrisos, inúmeras conversas de incentivo e toda essa alegria que cativa as pessoas. À Prof.^a Dr.^a Cássia Carrara por todo carinho, dedicação e amor que observei em seu trabalho, uma pessoa doce e inspiradora. À Prof.^a Dr.^a Mônica Moura pelas aulas que trabalharam técnicas artísticas manuais que tenho grande apreço e me fazer lembrar do meu passado, das várias reflexões boas e normóticas que presenciei.

Agradeço imensamente à minha equipe de vídeo: Laura Camargo, Karolina Schezar, Túlio Sacchi, Thomas Honda, Guilherme Makoto e Bruno Almeida que me auxiliaram a dar vida a este projeto, foi um prazer trabalhar com todos vocês. Aos modelos de fotografia: Luiza Martha, Laura Camargo, Michael Garcia e Vinícius Akamine.

Laura, sou muito grata por ter te conhecido e tê-la como amiga, você é uma pessoa talentosíssima, muito obrigada por registrar todos os meus trabalhos e me ajudar a conquistar um prêmio e meus projetos.

À Juliana Soares e Joyce Carr pelo companheirismo e revisão deste trabalho.

À Bruna Sugahara, Luiza Martha, Ana Elisa, Thomas Honda, Selene Vieira, Sérgio Komori, Ana Beatriz Venturin e todos os meus amigos que Bauru me propiciou, aprendi muito com o jeitinho de cada um.

Em especial, às minhas queridas amigas, praticamente irmãs: Adrieli Sardella e Joyce Carr, que estiveram comigo durante esses quatro anos em trabalhos, reuniões, em nossas tristezas, alegrias, conquistas e vitórias.

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

[...]

*A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado
porque está na hora.*

A tomar café correndo porque está atrasado.

*A ler jornal no ônibus porque não pode perder
tempo da viagem.*

A comer sanduíche porque não dá pra almoçar.

[...]

A gente se acostuma a andar na rua e a ver cartazes.

A abrir as revistas e a ver anúncios.

A ligar a televisão e a ver comerciais.

A ir ao cinema e engolir publicidade.

*A ser instigado, conduzido, desnortado, lançado na
infindável catarata dos produtos.*

[...]

*A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para
preservar a pele.*

*Se acostuma para evitar feridas, sangramentos,
para esquivar-se*

da faca e da baioneta, para poupar o peito.

*A gente se acostuma para poupar a vida que aos poucos
se gasta e, que gasta,
de tanto acostumar, se perde de si mesma.*

Marina Colasanti

Resumo

Costume é um projeto que consiste na elaboração de uma vestimenta, demonstrando através de uma videoperformance os conceitos normóticos que estão presentes no nosso dia a dia.

Desta forma, busca-se caracterizar este projeto de conclusão de curso com a confecção de uma vestimenta de papel, visto que, é um material efêmero e frágil, conceituando os diversos hábitos prejudiciais presentes na nossa vida, a chamada normose.

Palavras-chave: papel, vestimenta, normose

Abstract

Costume is a project that involves the elaboration of a dress in a video performance, which represents the normotic concepts present in our daily lives.

In this way, I seek to characterize this final project by developing a paper garment, which is a fragile and ephemeral material, conceptualizing the various harmful habits present in our life, called normose.

Keywords: paper, garment, normose

Lista de Figuras



Índice

Figura 1 - Modelo Laura Camargo





Introdução

Alguma vez na vida, já se sentiu não pertencer àquele momento, lugar ou grupo de pessoas? Alguma vez, já se sentiu fora de certos “padrões”? Se sentiu mal por não ser “normal” como as outras pessoas?

Acredito que a maioria das pessoas passam por um momento de questionamento como este na vida, e o quanto essas indagações aparentam banais e momentâneas, mas muitas delas são marcadas por angústias e sérias reflexões as quais acabamos por aceitar como as mais certas e ideais para conviver em sociedade. Inúmeras dessas causas têm sido estudadas por psicólogos, filósofos, antropólogos que o denominam como normose, a doença da normalidade.

Porém, ao pensarmos em uma pessoa normal, surgem outras diversas interrogações como critério para avaliar a normalidade. Avaliando em estado clínico, uma pessoa normal seria aquela que não possuísse quaisquer sintomas. Sociologicamente, uma pessoa que se adapta melhor ao meio, ressaltando o critério criminológico ainda, alguém que adere às exigências legislativas, capaz de ser responsável por seus próprios atos. Enfim, uma pessoa perfeita, um modelo padrão de ser humano em diversos critérios. Contudo, sabemos que trata-se de uma absoluta intangibilidade.

Comentarei neste relatório os assuntos tomados para dar base ao projeto, a ideia de realizar o trabalho surgiu após o contato com algumas referências que presenciei durante minha graduação por meio de aulas e indicações de amigos, além do meu grande interesse pelo material utilizado. Desta forma, teve como objetivo desenvolver uma vestimenta de papel, explorando os cortes e dobras para demonstrar artisticamente, por meio de uma videoperformance, os conceitos tão corriqueiros da normose, levando a reflexão nossas diversas ações e pensamentos.

O processo de realização será descrito através de cinco capítulos. Inicialmente, buscarei entender o conceito de normose e como ele é manifestado no dia-a-dia das pessoas, os tipos de normoses existentes por meio de exemplos e proposta para uma normoterapia, para posteriormente, no segundo capítulo, exaltar o conceito do projeto através da utilização do material escolhido e também uma breve história sobre a origem do papel.

O capítulo seguinte relatará sobre o processo de produção do figurino, as analogias e simbologias utilizadas e as referências criativas que serviram como base.

O quarto capítulo comentará sobre a gravação de vídeo como um meio para narrar a respeito do tema. Esta etapa contará com uma equipe de alunos de Design e Rádio e TV manejando iluminação, direção de fotografia, edição aperfeiçoando o trabalho.

No quinto capítulo, comentarei sobre a identidade visual do projeto atentando-se novamente as simbologias já antes visadas.

Normose



Figura 3: Detalhe saia vazada

Este capítulo apresenta o conceito base que foi trabalhado durante este projeto. Normose não é uma palavra muito conhecida, entretanto seu significado é atrelado a um aspecto totalmente presente em nosso dia a dia.

A humanidade traça sua história por inúmeros acontecimentos que revolucionaram significativamente os hábitos da sociedade. Sabe-se que surgiram os direitos juntamente com as civilizações, sob costumes que se tornaram necessários ou obrigatórios, sendo uma crença muito enraizada no cotidiano das pessoas. A evidência de tais crenças ocorreu em razão da necessidade de uma ordem para regularizar o convívio social e proporcionar harmonia nas relações humanas.

Quando todas as pessoas estão de acordo com respeito a uma opinião ou a uma atitude e maneira de atuar, manifesta-se um consenso, que ditará uma norma. Quando a norma é adotada por muitos, cria-se um hábito. (WEIL, CREMA, LELOUP, 2003, p. 21)

Desta forma, certos pensamentos, sentimentos e ações são classificadas como ideais por um consenso geral, e assim, a ser seguido por todos como melhor forma para o comportamento e vivência no mundo. Atendemos a essas ações e hábitos de forma inconsciente, “robotizados” por acostumarmos com esse ideal.

Entretanto, estudos destes fatos retratam vários destes hábitos, normas e costumes da sociedade como ruins. As normas deveriam ter a função de preservar, proteger o equilíbrio físico, mental e emocional das pessoas. Mas muitos deles levam ao sofrimento, angústias, doenças e às vezes, à morte.

Criaram-se o termo normose, neologismo formado pela junção da palavra “normal” com o sufixo “ose” (designa um estado, situação ou processo doentio), ou seja, a situação doentia que as normas causam nas pessoas. A palavra foi conceituada por três pensadores Jean-Yves Leloup, Pierre Weil e Roberto Crema.

Normose pode ser definida como o conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou de agir, que são aprovados por consenso ou pela maioria em uma determinada sociedade e que provocam sofrimento, doença e morte. Em outras palavras: que são patogênicas ou letais, executadas sem que os seus autores e atores tenham consciência da natureza patológica. (WEIL, CREMA, LELOUP, 2003, p. 22)

Normose consiste, então, em pequenos hábitos ruins que vão sendo suportados e denigrem a cultura e os valores. Em suma, uma patologia que faz com que as pessoas aceitem a certos comportamentos nocivos de uma maneira normal. Acostuma-se tanto a determinadas situações que nem pensa em questioná-las, implantando no cotidiano de forma silenciosa e prejudicial.

Os comportamentos normóticos atendem a algumas características como ser um hábito de pensar, sentir e agir; tem natureza patogênica ou letal; é aceito como normal por um consenso social; e possui gênese pessoal ou coletiva, mediante um processo introjetivo. Algumas normalidades são consideradas saudáveis, como caminhar todos os dias; outras neutras, almoçar ao meio dia; há também algumas normalidades prejudiciais, consideradas normóticas.

Tipos de Normose

É extremamente comum as pessoas buscarem se encaixar em um padrão em torno do seu meio social ou até mesmo além, só que este padrão o qual a sociedade propaga é muito difícil de ser alcançado. Podemos ressaltar que atualmente a mídia contribui através de um poderoso marketing, um padrão que é impossível para a maioria das pessoas, levando a um consumo exacerbado de métodos e formas para tentar chegar a algo inatingível.

Os motivos que causam a patologia são diversos, sendo gigantesca a quantidade de normoses existentes, e se pode descobrir uma nova a cada dia.

Segundo WEIL (2003), as normoses são divididas em duas grandes categorias: as gerais e as específicas.

Normoses Gerais: são as normas que atingem praticamente toda a humanidade ou grande parte dela, através de um consenso comum.

Um exemplo a ser citado é como a humanidade toda considera normal ter como resolução das desavenças e conflitos entre as nações, a guerra. Isto ocorre também por outra normose em que as pessoas acreditam serem proprietárias da terra em que ocupam, atendendo fielmente os limites territoriais.

Outro exemplo que anda ganhando a cada dia mais luta é o comportamento conhecido como machismo que remonta o surgimento das civilizações e é caracterizado pela repressão do feminino e a supervalorização das qualidades masculinas, imposto de forma educacional.

Caracteriza-se também como uma normose geral, o fato da crença de posse da Terra, na qual se explora o planeta infinitamente a despeito dos recursos naturais extinguíveis. Estas ações têm depredado o planeta significativamente, causando inúmeras catástrofes.

Normoses Específicas são aquelas que possuem uma restrição de seu consenso por parte de uma população, nação, grupo social ou cultural.

A alimentação se caracteriza por vários tipos de normoses. O café que tomamos de manhã, logo após o almoço, causando possível dependência e que pode gerar

cardiopatias e excitações nervosas, assim como o consumo exacerbado de chocolate e outros doces, como forma de escape de transtornos de ansiedade, que levam a doenças como o diabetes, o excesso de sal que pode gerar hipertensão, frituras que provocam o alto colesterol e a obesidade entre outras formas de consumo prejudiciais.

Outro exemplo está nas religiões que acreditam na sua própria superioridade sobre as demais crenças, acarretando conflitos e guerras, assim como tem sido visto na cena política.

Em relações amorosas, existe uma normose destruidora de relacionamentos que leva as pessoas a confundirem o amor com a sensualidade, limitando as relações aos aspectos especificamente genitais.

Há ainda a normose da invisibilidade social que consiste em classificar as pessoas pela sua forma de vestir ou pelo seu trabalho, como no caso de se reduzir uma pessoa a uma mera função/objeto devido ao trabalho que assume diante das pessoas, como faxineiro, gari, entre outros.

Existem também as que se constituem devido a localização, conforme os aspectos geográficos, seus costumes e hábitos. Inúmeras outras normoses podem surgir ou serem descobertas a cada dia em relação a diversos parâmetros e podem ser criadas várias categorias e subcategorias dentro das normoses específicas.

Fundamentos da Normose

Crema (2003) afirma que a normose pode ser analisada a partir de alguns fundamentos.

Fundamento Sistêmico:

A normose surge quando o sistema se encontra predominantemente desequilibrado e mórbido. Então, ser normal passa a ser ajustar-se à patologia reinante mantendo, assim, o status quo. (CREMA, WEIL, LELOUP, 2003, p.36)

A Organização Mundial de Saúde (1946), afirma em sua carta constitutiva que a saúde não é a ausência de sintomas, mas a presença de um processo completo de bem-estar nos planos somático, psíquico e social. Incluindo posteriormente ao conceito, em 1998, os fatores ambientais e espirituais.

Desta forma, o indivíduo se torna normótico para adaptar-se ao meio, e como este meio se encontra em estado corrompido, uma pessoa com saúde pode ser vista pela capacidade de manifestar-se em desespero sóbrio, em indignação lúcida, sendo o sintoma, possivelmente uma resposta ao desequilíbrio presente.

Fundamento Evolutivo:

*“Nós não nascemos humanos, nós nos tornamos humanos”.
(Joseph Campbell)*

O ser humano é dotado de complexidade, não se esgota em suas constituições físicas e aspectos biológicos naturais, necessita de um investimento sistemático em seu autodesenvolvimento, indo além da evolução natural darwinista do acaso e da necessidade, mutações genéticas, competitividade mecanicista em que o mais adaptado sobrevive. A evolução humana consiste também em sua parte consciente, voluntária, intencional; trabalhando sobre si mesmo.

Fundamento Pragmático:

Alguns indicam como Apocalipse, outros como Ponto de Mutação ou como Portais 11:11, outros como Vento da Transformação... Todas essas palavras apontam para o momento em que estamos transitando para outra idade da consciência. Acontece que o Mito esgotado ainda prevalece, ainda domina, enquanto o mito emergente já desponta, na fragilidade possante de tudo o que nasce e traz o dom do novo. (CREMA, WEIL, LELOUP, 2003, p. 47)

A normose se apegua aos paradigmas antigos, esgotados, resistente ao novo. Entretanto, mesmo com a rejeição, o novo paradigma tende a fortalecer pois seus opositores morrem, e de nascimento a nascimento, as novas gerações se desenvolvem de forma mais aberta e receptiva ao novo aprender.

Nossos jovens estão nos observando. Eles necessitam de menos discursos e mais testemunhos. Temos de ousar ser ativistas da transformação, inspirando a proeza do lótus e conspirando ela, que surge do lodo e se transmuta em flor. Talvez este seja o maior desafio dos tempos em que vivemos: transmutar o lodo da normose, do comodismo, da estagnação evolutiva e da perda do sagrado e dos valores perenes numa flor de consciência, de amor e de solidariedade. (CREMA, WEIL, LELOUP, 2003, p. 54)

Normoterapia

Temos que criar estratégias de tratamento da normose, uma normoterapia, que consista em superar esse conjunto de obstáculos que nos impedem, como mostrou Jean-Yves Leloup, de sermos nós mesmos, por medo de ficarmos malvistas, de sermos considerados anormais. Esse é o grande obstáculo e desafio a ser enfrentado. (WEILL, CREMA, LELOUP, 2003, p. 94)

A normose quando identificada possui uma gama de proposições para seu tratamento que consiste na divulgação de seus efeitos prejudiciais e admissão de medidas no nível individual, pessoal de forma terapêutica e educacional.

Pierre Weil utiliza-se da normose do cigarro como exemplo para facilitar o entendimento da dissolução da normose. O fumo tem origem nas sociedades tribais, tornando-se comum com a ocupação dos europeus na América. Para realizar a normoterapia, foram realizadas divulgações dos efeitos prejudiciais do consumo do cigarro pelas descobertas médicas e que obteve intensa ajuda da mídia como forma de propagação. O Congresso Nacional então, aprovou a lei que obriga apresentar a tarja de advertência em propagandas e produtos. Entretanto, as medidas tomadas ainda são insuficientes, apesar da repercussão. Esta fase de Socioterapia teve que ser reforçada por medidas de plano individual. Constatou que o próprio uso do cigarro era um meio de aliviar tensões, que eventualmente eram de origem neurótica. Indicando que a normose se instala na formação do superego e por identificação à figura parental portadora dos componentes neuróticos.

Assim, a experiência do cigarro mostra que a fase socioterápica necessita ser reforçada no plano individual

por medidas psicoterapêuticas. Tratando-se de terapia, torna-se implícito os aspectos educacionais.

Desta forma, busca-se realizar uma pesquisa dos efeitos patogênicos das normoses com a divulgação pública dos resultados pela mídia e órgãos científicos, pressionando a criação de leis governamentais, se necessário, como tentativa de redução dessas dependências. Em âmbito pessoal, pensa-se em programas específicos de educação nas escolas, campanhas de ética pelas mídias e empresas, a psicoterapia individual e em grupo e também programas educacionais de auxílio para familiares.

Figura 4: Foto do modelo Michael Garcia



Conceito

O projeto apoia-se teoricamente da normose para a produção do figurino, fundamentado no capítulo anterior, deste modo, o conceito do trabalho é representado também pela escolha do material a ser empregado. Assim, exponho uma breve história do papel e o motivo de sua aplicação.

Papel

Traçando um breve histórico sobre o surgimento do papel como conhecemos atualmente, segundo Carramillo Neto (1997), foi descoberto na China no ano 105 d.C. por Tsai Lun, um dos ministros do Imperador Ho. Lun desenvolveu o processo através de cascas de árvores, trapos e materiais fibrosos, batendo-os e formando uma mistura pastosa diluída em água. Essa mistura era passada por um molde com uma peneira, mantendo as fibras dentro do molde. Após secar, essa camada de fibras era retirada, dando origem a folha de papel.



Figura 5: Processo de produção de papel artesanal

No ano 600 d.C. o processo chegou ao Japão através de um monge budista coreano. Neto (1997) descreve que os ocidentais só vieram a conhecer a produção do papel em meados do século VIII, quando os chineses foram derrotados pelos árabes ao tentar conquistar Samarkanda, uma cidade da Ásia. Os árabes levaram por meio de alguns prisioneiros, o conhecimento da técnica de fabricação do papel, as quais evoluíram rapidamente com adição de amido e derivado de farinha de trigo para a colagem das fibras para preparar a mistura. A fabricação de papel se espalhou rapidamente pela Europa a partir do século XII, chegando ao Brasil apenas em 1808 com a instalação da Imprensa Régia por D. João.

Atualmente são conhecidas várias técnicas para a fabricação e a principal matéria prima é a celulose retirada de árvores como pinho e eucalipto plantadas em áreas de reflorestamento de forma sustentável.

Mas por que o papel?

A ideia de se trabalhar com roupas de papel surgiu quando me deparei com algumas referências que presenciei durante minha graduação por meio de aulas e indicações de amigos, além de ser um material pelo qual sempre tive grande apreço.

O papel é um material leve, simples, frágil, de grande importância para a maioria das pessoas. Foi durante muito tempo utilizado para divulgação de notícias através de folhetins e jornais, transmissão conhecimentos por livros, bíblia, anotações e até mesmo a comunicação com postais e cartas. O papel sempre esteve presente conosco: ainda utilizamos em nossas certidões de nascimento, carteira de identidade, carteira de habilitação, passaporte, e até mesmo, em notas de dinheiro e cheques. É o local onde as ideias surgem por meio de anotações, esboços e croquis.

Atualmente, observa-se a grande mudança da era digital, das tentativas sustentáveis para preservação do planeta, mas é evidente o quanto o papel se tornou essencial na vida das pessoas. No papel, pode-se simplesmente rabiscar algo, amassar e jogar fora e ser impresso um valor financeiro em uma folha de papel, podendo ser preenchida com diversos significados desde os mais importantes aos mais banais de acordo com cada pessoa.

O papel é o lugar do esboço, parte do processo criativo, é matéria efêmera, rasga, amarela, e sensível à ação do tempo. Em uma folha de papel, podemos ter palavras que transformam a vida e, ao mesmo tempo, uma folha em branco está pronta para ser preenchida de significados. (NAKAO. A Costura do Invisível. [12 de janeiro]. Rio de Janeiro. Palestra concedida ao Senac Rio Fashion Business)

Locke (1999b) acredita que os conhecimentos humanos são adquiridos através da experiência, comparando a uma tábula rasa, um papel em branco a ser preenchido. Muitos destes conhecimentos são, muitas vezes, transmitidos de pessoa para pessoa, uma vez que o intelecto humano não poderia formular-se do 'nada'. É uma experiência derivada da sensação ou reflexão, sendo as sensações necessárias para levar a reflexão. Somente através deste momento, a pessoa revive e organiza as inúmeras impressões sensoriais para então elaborar as ideias mais complexas.

Desta forma, o figurino dispõe de folhas brancas de papel como representação de um molde, enfatizando as propriedades de fragilidade ao manuseio, à ação do tempo que ocorrem com material, da mesma forma que a sensibilidade da mente humana se comporta muitas vezes. É também, um meio para ser preenchido com histórias, conhecimentos, experiências e influências que recebemos ao longo da vida, evidenciando hábitos de ações e pensamentos que acostumamos pelo consenso. Muitas de nossas atitudes caem em rotina e a cada dia, aumentam as cobranças seja do meio familiar, social ou profissional e não percebemos quão desgastantes se tornam. Alguns destes fatores, por vezes, nos parece positivo, mas nos consomem aos poucos sem percebermos.

Figura 6: Foto da modelo Luiza Martha



Desenvolvimento

Referências Criativas

A Costura do Invisível

Um dos ícones da moda, que destacou-se no maior evento de moda da América Latina, a SPFW (São Paulo Fashion Week) em junho de 2004: Jum Nakao, realizou roupas aprimoradas em papel vegetal de diversas gramaturas, modeladas sobre os corpos das modelos que apresentavam perucas de Playmobil. O trabalho foi realizado em meia tonelada de papel, por marcações de alto e baixo relevo, simulando brocados e rendas.

Ao final do desfile, todas as peças foram destruídas pelas próprias modelos, causando a indignação do público.



Figura 7: Desfile 'A Costura do Invisível' de Jum Nakao

Asya Kozina

Artista russa que se apropria da folha de papel para a realização de seus trabalhos, explorando possibilidades de esculturas contemporâneas de papel. Juntamente com Dmitry Kosin, possui o interesse no domínio da investigação cultural e expressão plástica de diferentes representações históricas, tradicionais e artísticas.

O uso da folha branca em suas obras tornou-se a marca e a assinatura da artista Asya e Dmitry acreditam que o papel branco permite acentuar a forma e esconder detalhes secundários. Todas as suas peças são criadas à mão de forma exclusiva, originais em suas características temáticas, para nunca mais ser replicado. Essa individualidade denota uma oposição a multiplicação de imagens dos meios criados com a ajuda de ferramentas digitais, uma representação da cultura visual moderna.



Figura 8: Obras de Asya Kozina, 'Paper doll's', 'Baroque paper wigs' e 'Paper shaman'

The Rhythm of Paper

Hila Martuzana, designer israelita, cria quatro conjuntos de roupas de papel referentes ao ciclo da natureza, a transição das estações, exaltando as diversas mudanças ocorrentes como a mudança climática, mudança de movimento, ritmo, cheiros, sensações e emoções. Cada peça combina duas estações do ano, conforme as características presentes nas estações, repetindo uma série de módulos diferentes variando seus tamanhos e compondo diversos arranjos com o papel "Tyvek", papel não tecido de alta resistência, difícil de ser rasgado.



Figura 9: Obra 'The Rhythm of Paper' de Hila Martuzana

Processo Produtivo

Para a produção de roupas de papel em geral, o ideal seria utilizar o papel 'Tyvek®', caracterizado por ser um material não-tecido, formado com fibras de polietileno de alta densidade, para formar um substrato de impressão muito resistente. Contudo, devido a dificuldade de acesso e recursos financeiros, adquiri duas bobinas para plotter de papel offset com medidas de 610 mm e 1100 mm de altura com 75 g/m² e 90 g/m², respectivamente, os quais destacaram ainda mais os atributos de fragilidade e vulnerabilidade que o papel possui.

O desenvolvimento das peças assumiram métodos empírico prático em que após pesquisas de imagens para referências em plataformas como Behance e Pinterest, realizei dois sketches iniciais. Entretanto a produção sofreu algumas alterações com o desenvolvimento do projeto. A construção das vestimentas busca a percepção e comunicação visual que:

Basicamente, o ato de ver envolve uma resposta à luz.(...) O que a luz nos revela e oferece é a substância através da qual o homem configura e imagina aquilo que reconhece e identifica no meio ambiente, isto é, todos os outros elementos visuais: linha, cor, forma, direção, textura, escala, dimensão, movimento. Que elementos dominam quais manifestações visuais é algo determinado pela natureza, daquilo que existe.(DONDIS, 2003, p.30)



Figura 10: Sketch figurino 1



Figura 11: Sketch figurino 2



Figura 12: Prova de Vestimenta em Karolina Schezar, vista 1

Através de conceitos da psicologia da Gestalt e o estudo da linguagem visual, a forma faz parte de um dos elementos básicos da comunicação visual e que:

Existem três formas básicas: o quadrado, o círculo e o triângulo equilátero. Cada uma das formas básicas tem suas características específicas, e a cada uma se atribui uma grande quantidade de significados, alguns por associação, outros por vinculação arbitrária, e outros, ainda, através de nossas próprias percepções psicológicas e fisiológicas. Ao quadrado se associam enfado, honestidade, retidão e esmero; ao triângulo, ação, conflito, tensão; ao círculo, infinitude, calidez, proteção. (DONDIS, 2003, p.57/58)

A primeira composição de figurino é mais volumosa, trabalhada com dobras lineares em camadas, formas retilíneas transmitindo a ideia de racionalidade, rigidez, força, poder, ordem; e apresentam pontas triangulares na extremidade, aparentando objetos pontiagudos como espinhos e lanças, conceituando ação, tensão, conflito. É separada, basicamente, em três itens - corpete, gola e saia. Sendo estes dois últimos concebidos por módulos feitos com a técnica de dobras, semelhante a leques de papel, ampliando o volume da peça.

A proposta era expandir a vestimenta gradualmente, assim como são os costumes, hábitos, normas que adquirimos durante a vida e os quais nem percebemos, mas resultando em prisão e sofrimento.



Figura 13: Prova de vestimenta em Karolina Schezar, vista 2



Figura 14: Prova de Vestimenta em Karolina Schezar, vista 3



Figura 15: Prova de Vestimenta em Karolina Schezar, vista 4

Corpete

A montagem do corpete de papel não difere dos moldes que já são feitos em tecido. Entretanto, a união de cada elemento do molde foi feita com fita adesiva na parte interna. Na parte traseira foi colada mais duas camadas de papel no molde para sustentar os furos para a amarração da roupa, na parte frontal foi adicionado um pedaço de velcro para estabilizar a gola.

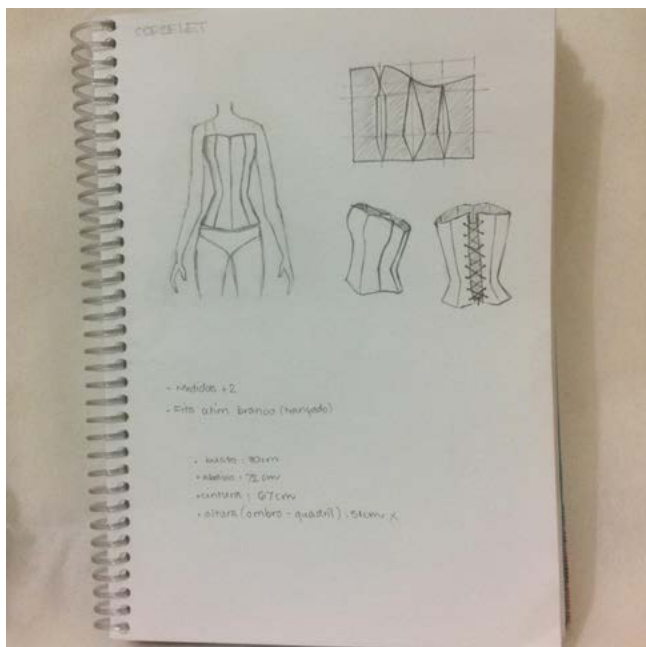


Figura 21: Sketch corpete

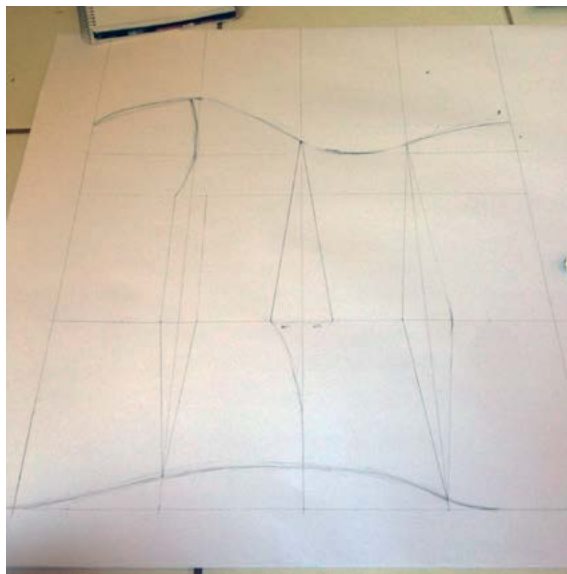


Figura 22: Modelo corpete



Figura 23: Modelo cortado



Figura 24: Junção das peças



Figura 25: Todas as peças unidas

Saia

Para estruturar a saia, foi confeccionada uma faixa e um forro com TNT branco. A faixa na região da cintura permite que a saia seja vestida com mais praticidade, em um sistema semelhante ao das cangas. Como descrito anteriormente, a saia apresenta aumento de seu comprimento com a adição dos módulos grudados no forro de TNT, também por velcro.



Figura 26: Sketch saia



Figura 27: Primeira camada da saia



Figura 29: Saia cheia



Figura 28: Saia com alguns módulos



Figura 30: Vestimenta manequim

Saia Godê

A segunda composição da vestimenta refere-se a normoterapia. Mantém-se o corpete, mas utiliza-se de outra saia, visualmente mais leve e orgânica, transmitindo mais suavidade. Moldada como a saia godê, apresenta vazões em formas triangulares na parte inferior do comprimento da peça.

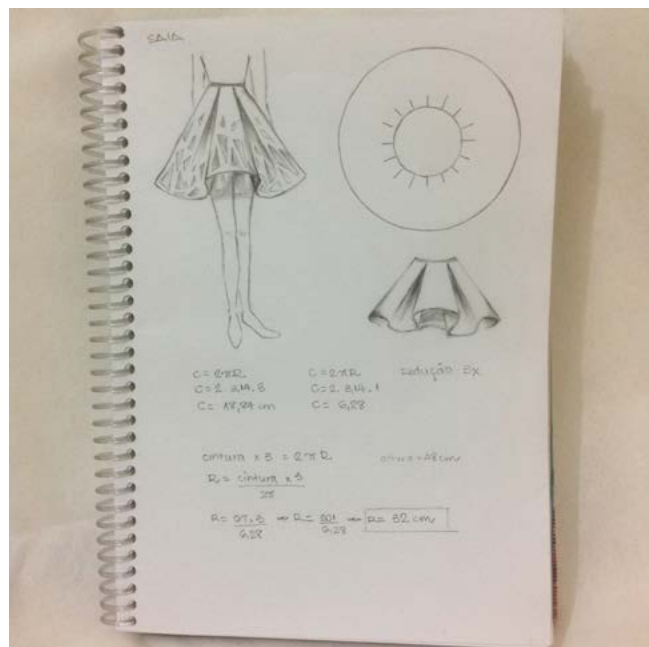


Figura 31: Sketch saia godê



Figura 32: Saia molde gôde



Figura 34: Detalhe dos cortes vazados

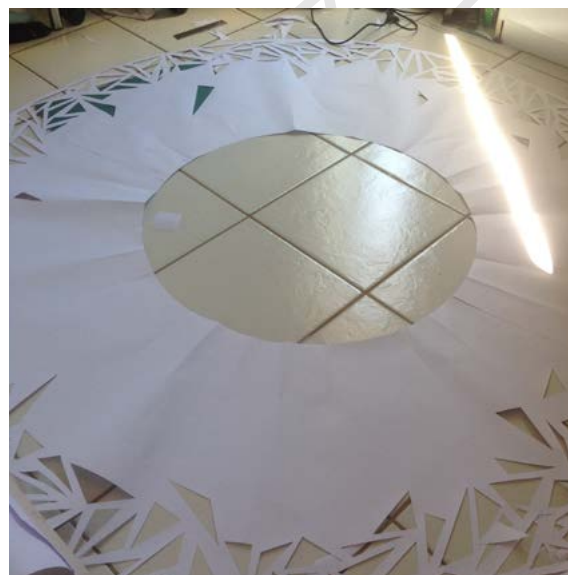


Figura 33: Molde de saia vazado



Figura 35: Corpete e saia finalizados

Vídeo

O vídeo é um meio de identidade múltipla. Ele carrega características do cinema, pela fotografia e pela música, por exemplo, integrando sua própria natureza a eles. (FREITAS, 2012, p. 73)

O vídeo é muitas vezes o objeto principal da performance; e a videoperformance pode usar as tecnologias inerentes ao vídeo para sua propagação no universo mais geral da informação e da cultura – fora dos contextos artísticos mais oficiais, por exemplo. O vídeo é uma ferramenta tecnológica relevante e de uso constante desde os anos 60, e que traz sua materialidade para grandes galerias, museus e espaços alternativos, ampliando, portanto, as práticas artísticas no campo da arte. (CAVALLIN, 2016, p. 140)



Como já mencionado nos capítulos anteriores, a concepção da roupa foi elaborada juntamente com ideia da produção do vídeo, tratando o conceito da normose de forma performática. Assim,

Observamos o corpo como lugar da construção de sentidos, espaço de investigação e criação de novas realidades, em conexão com diferentes meios e que se apresenta como aparelho produtor de linguagem. Pensar nesse corpo que emerge na contemporaneidade diz respeito também a inseri-lo no contexto das formas artísticas e a conhecer os diversos perfis que compõem sua identidade. (MELLO, 2008, p. 144.)

Descrevendo sequencialmente o vídeo, podemos dividi-lo em três partes para melhor compreensão. O início faz referência ao ser humano por meio de suas ações e atitudes naturais transmitidas por movimentos delicados e tranquilos, onde a modelo apresenta-se somente de collant. Com os cortes de cena, vão surgindo elementos do figurino - a saia, o corpete, a gola, e pouco a pouco, as peças vão aumentando, proporcionando crescimento da vestimenta em seu comprimento e volume, como ocorre com nossos hábitos adotados como melhor forma de agir e comportar perante a uma sociedade já está estabelecida há muito tempo.

Na segunda parte, com a expansão volumétrica, há a perda de movimentos. Simulando que estamos, a cada dia, nos acostumando mais com a rotina, com as normas, acontecimentos e atitudes. Gradualmente, os frames vão aumentando em um menor espaço tempo, levando ao ápice demonstrado pelo sufocamento. Mencionamos aqui as diversas normoses enfrentadas diariamente, o aumento dos costumes que muitas vezes acreditamos ser o melhor, mas que trazem problemas de saúde física, mental e emocional; e também, o quanto passamos todos os dias sendo cobrados por certos pensamentos e comportamentos, que aos poucos vão nos sufocando e adoecendo. O silêncio e a escuridão revelam por si só o auge de angústia e sofrimento.

O vídeo finaliza com a troca de figurino, uma saia mais orgânica, leve, mais curta, mas ainda com imagens de triângulos vazados na parte inferior o que remete aos momentos da normoterapia.

Acredito que o processo evolutivo, individual e coletivo depende, em grande parte, do descondicionamento da superação da patologia da normalidade. Nesse caso, a normoterapia é uma prática evolutiva, como também é o caso de todas as psico e socioterapias. (2003, p.97)

É necessário desvincular estereótipos, retirar certos conceitos enraizados, enfrentar os obstáculos que impedem nossa essência, para uma vivência mais saudável, mesmo sabendo que não podemos livrá-los completamente.

Tecnicamente, para a execução, contei com o auxílio de uma equipe com alunos de Design, Laura Camargo, Karolina Schezar, Túlio Sacchi, Thomas Honda e alunos de Rádio e TV, Guilherme Makoto e Bruno Almeida, norteando melhor o projeto. A gravação foi realizada no Estúdio de Rádio e TV da UNESP Bauru durante um dia, das 8:00 às 18:00 horas, com intervalo de duas horas no período do almoço. De manhã, forramos o estúdio com TNT preto, realizamos ajustes de iluminação e fotografia, assim como alguns ensaios. No turno vespertino, gravamos os takes oficiais.

Posteriormente, foram feitas as escolhas de momentos mais representativos e edições de cortes, emendas, correção de iluminação e inserção da música no software Adobe Premiere Pro CC2015, para totalizar por volta de dois minutos.

A música escolhida para o vídeo também passou por edições para adequar-se sonoramente ao conceito. Ambas as canções trabalhadas são compostas por Yann Pierre Tiersen, artista multi-instrumentista e compositor francês, denominadas “Mother’s Journey” e “Le Jour d’Avant”, apresentando trechos tranquilos e um intenso ponto de conflito, dramatização.



Figura 37: Estúdio de Rádio e TV Unesp
Thomas Honda, Laura Camargo Bruno Almeida e Karolina Schezar



Figura 38: Ensaio no Estúdio de Rádio e TV Unesp
Karolina Schezar



Figura 39: Gravação vídeo - saia primeira camada
Karolina Schezar



Figura 41: Gravação vídeo - gola
Karolina Schezar



Figura 40: Gravação vídeo - saia e corpete
Karolina Schezar



Figura 42: Gravação vídeo - adição de módulos
Karolina Schezar e Tatiane Amano



Figura 43: Gravação vídeo - cena enforcamento
Karolina Schezar



Figura 44: Gravação vídeo - figurino 2
Karolina Schezar

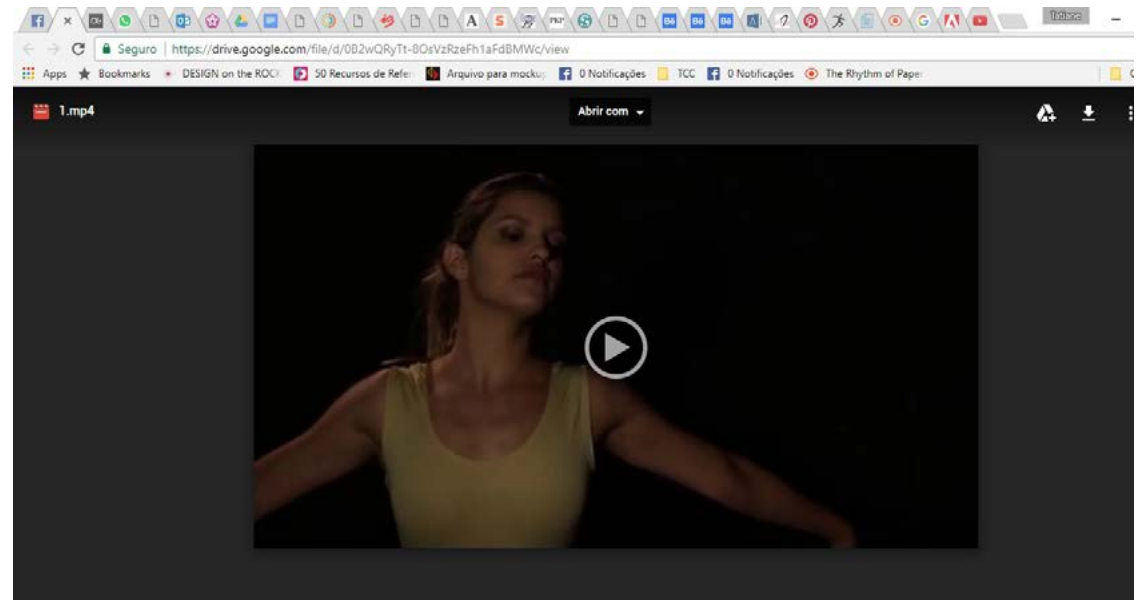


Figura 45: Escolha de cenas

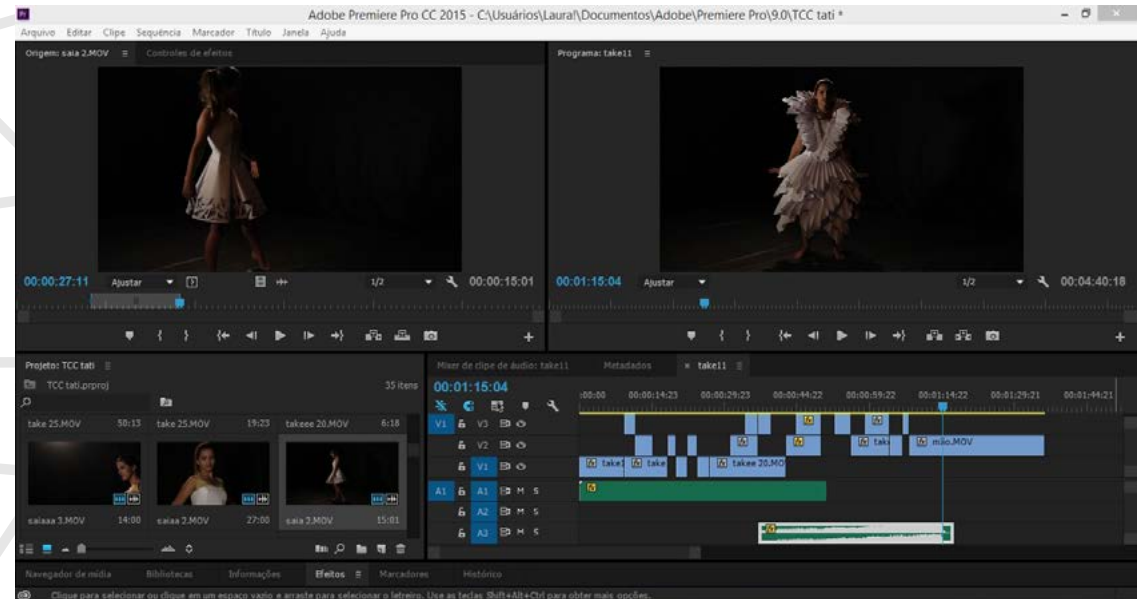


Figura 46: Edição de vídeo

Figura 47: Foto do modelo Vinícius Akamine

Identidade Visual

A criação da identidade visual do projeto, intitulada 'COSTUME' deu-se após a produção das roupas de papel. Procurei destacar conceitos da linguagem visual e da psicologia da Gestalt, da mesma forma que foram utilizadas no processo dos figurinos.

Realizei alguns sketches para possíveis logo com a intenção de utilizar-se da forma do triângulo, procurando remeter simbolicamente à ideia de conflito, instabilidade, tensão, espinho. A imagem escolhida para a identidade visual também se coaduna com módulos realizados para compor as camadas da vestimenta.

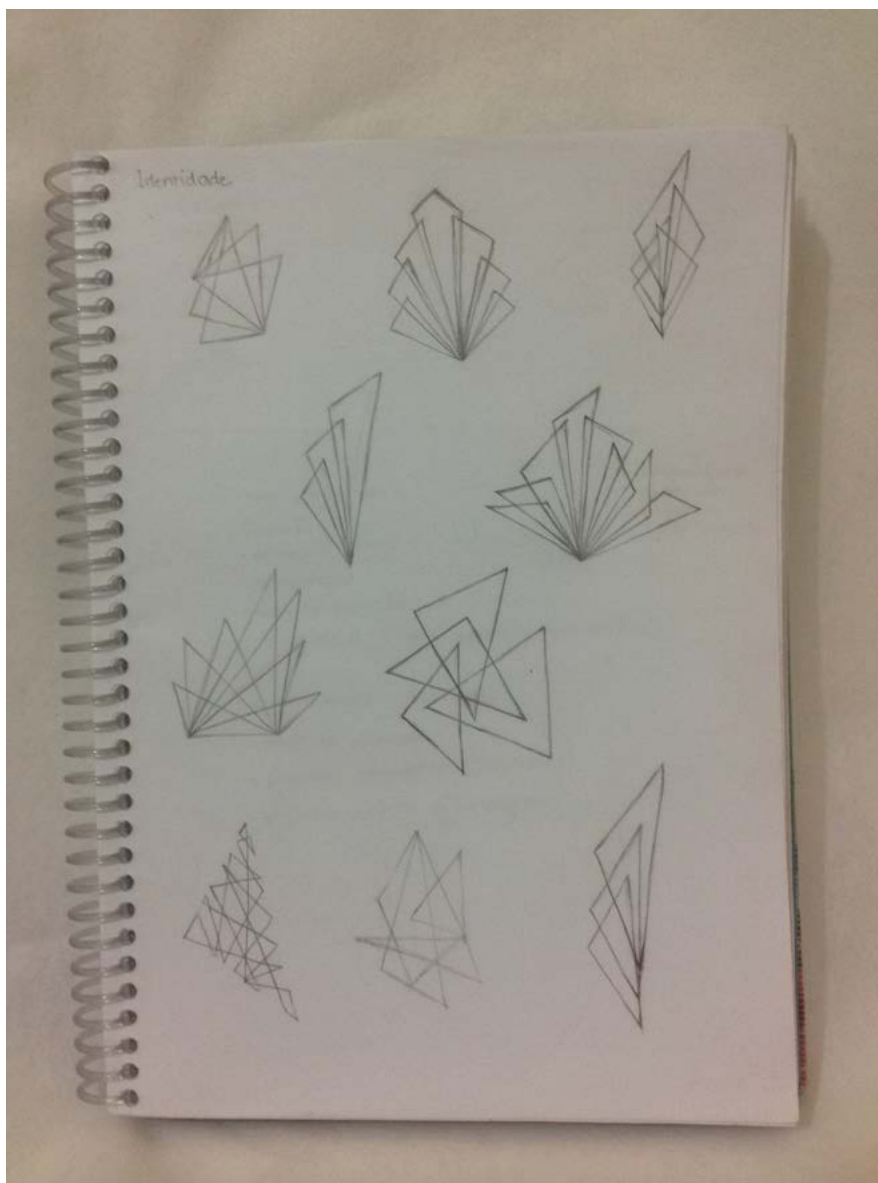
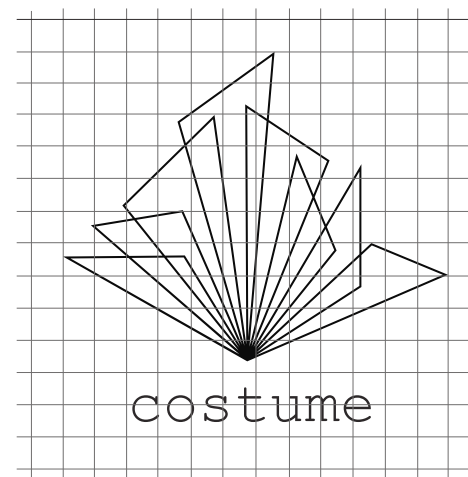


Figura 48: Sketch logo

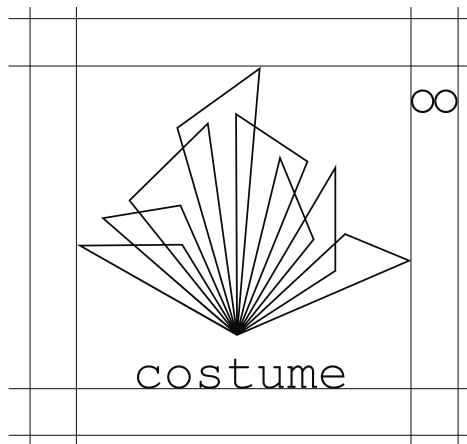
Logo



Construção



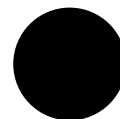
Área de Proteção



Versão Positivo e Negativo



Cores



000000

R 0 C 75%
G 0 M 68%
B 0 Y 67%
K 90%



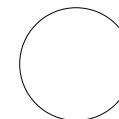
a6a6a6

R 166 C 37%
G 166 M 30%
B 166 Y 30%
K 0%



ededed

R 237 C 6%
G 237 M 4%
B 237 Y 4%
K 0%



ffffff

R 255 C 0%
G 255 M 0%
B 255 Y 0%
K 0%

Tipografia

Título

Courier New AaBbCcDdEeFfGgHhIiJjKkLlMmNnOoPp
QqRrSsTtUuVvWwXxYyZz 1234567890
. , ; : ? ! / \ ^ ` ' " { } () [] < > + - = ^ ~ @ # \$ % ' " & *

Corpo de Texto

Arimo AaBbCcDdEeFfGgHhIiJjKkLlMmNnOoPp
QqRrSsTtUuVvWwXxYyZz 1234567890
.,,:?!/\^`"'{}()[]<>+-=^~@#\$\$%`&*

Considerações Finais

Minha infância foi bem marcada por meu gosto em desenhar e pintar em papéis, paredes e no sofá de casa, que com o passar dos anos, depois de muita bronca, essa prática foi se perdendo. Entretanto, sempre fui encantada por trabalhos manuais e as diversas possibilidades e produtos que se possa realizar. Um dos materiais que mais tenho fascínio é o papel. Com a atual acessibilidade que a internet disponibiliza e meu ingresso à faculdade pude ter um conhecimento maior da infinidade de coisas que pode ser realizado com isso, além de características técnicas específicas de tipos, tamanhos, gramaturas, processos de produção, cores, texturas, impressões e muito mais.

Este trabalho me proporcionou explorar este material e ainda, aproximar a outras diversas áreas que o design abrange. Pude aprofundar melhor nos conhecimentos de televisão, filmagem, edição, fotografia e moda, observando o quanto o design é extremamente híbrido.

Tive algumas dificuldades relacionadas ao tempo de gravação dos vídeos. O quanto trabalhar dentro de um set de filmagem envolvem detalhes que levam muito tempo sem que percebêssemos. Outro impasse foi a confecção de moldes

relacionados a corte e costura, modelar um corpete e uma saia godê, planejando e respeitando as medidas da modelo em uma superfície frágil que é o papel foi um desafio também, além do fato de não serem costurados, o que possibilitaria rasgá-los mais facilmente.

Realizando o trabalho e aprofundando-se nos conceitos do tema, percebi o quanto a normose esteve presente em meu meio familiar e com pessoas próximas a mim, comprovando o quanto é prejudicial. Assim, tanto a pesquisa quanto a produção adquiriram mais vitalidade ao projeto como um todo.

O curso de Design aqui me trouxe um grande conhecimento e possibilitou uma troca de experiências com diversas pessoas, amadurecendo muito minhas formas de pensar e agir. Sinto satisfeita com os resultados obtidos do projeto, e acredito ter demonstrado de forma artística o conceito da normose aliando as diversas áreas do design.

Referências

Artigos e Livros

- BASSO, Aline Teresinha. **A costura do invisível**: uma discussão sobre as fronteiras entre arte e moda na obra de Jum Nakao. Recife. 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/13036>>. Acesso em: 07 Jul. 2017
- CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. Tradução de Mana Thereza Redig de Carvalho Barrocas; revisão técnica Manoel de Barros da Mota; tradução do posfácio de Piare Macherey e da apresentação de Louis Althusser, Luiz Otávio Ferreira Barreto Leite. 6ª ed. rev. Rio de Janeiro - RJ. Forense Universitária. 2009
- CARRAMILLO NETO, Mário. **Produção gráfica II**: papel, tinta, impressão e acabamento. São Paulo - SP. Global Editora. 1997
- DEMETERCO, Isabela Cavallin. **AFASIA**: Entre o teatro e a videoperformance. Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais - Art&Sensorium, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 130-143, jun. 2016. ISSN 2358-0437. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/939/553>>. Acesso em: 14 Jul. 2017.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo - SP. Martins Fontes. 1991
- DOYLE, Iracy. **Estudo da normalidade psicológica**. Arq. Neuro-Psiquiatr., São Paulo , v. 8, n. 2, p. 155-170, June 1950 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X1950000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 Jul. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1950000200004>.
- FRANÇA, Rafael. **Videoarte**. In: COSTA, Helouise (org.). Sem medo da Vertigem: Rafael França. São Paulo - SP. Paço das Artes. 1997
- FREITAS, Susy Elaine da Costa. **As características da pós- modernidade como influência estética da videoarte contemporânea**. Texto Digital, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 68-82, dez. 2012. ISSN 1807-9288. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2012v8n2p68/23628>>. Acesso em: 12 jul. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/1807-9288.2012v8n2p68>.
- GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto**: sistema de leitura visual da forma. 8 ed. rev. e ampl. São Paulo. Escrituras Editora. 2008
- LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. vol.1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999b.
- MELLO, Christine. **Extremidades do Vídeo**. São Paulo - SP. Editora Senac. 2008

NAKAO, Jum. **A costura do invisível**. Rio de Janeiro - RJ. Editora Senac Nacional; São Paulo - SP. Editora Senac São Paulo, 2005

SAMPAIO, Renato Sergio. **Compreendendo o ensino/aprendizagem da videoperformance**: relato de uma experiência. 2012. Dissertação (Mestrado em Teoria, Ensino e Aprendizagem) - Escola de Comunicações e Artes, University of São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/D.27.2012.tde-28022013-091358. Acesso em: 2017-07-15.

SILVA, Carla Cardoso. **Informação em Excesso**: a Normose e a Percepção de Nativos e Imigrantes Digitais no Twitter. 2011. Tese de Doutorado. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem do Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense.

WEIL, Pierre; LELOUP, Jean-Yves; CREMA, Roberto. **Normose**: A Patologia da Normalidade. Campinas - SP. Versus Editora. 2003

WEIL, Pierre. **A normose informacional**. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, p. 61-70, Aug. 2000. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652000000200008&lng=en&nrm=iso>. access on 13 July 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652000000200008>.

Sites

<http://super.abril.com.br/saude/a-doenca-de-ser-normal/> Acesso em: 25 Abr. 2017 às 15:58

<http://robertocrema.com.br/alem-da-normose-a-patologia-da-normalidade/> Acesso em: 25 Abr. 2017 às 16:07

<http://port.pravda.ru/news/science/08-07-2010/30054-normose-0/> Acesso em: 21 Abr. 2017 às 23:39

<http://www.jumnakao.com/portfolios/a-costura-do-invisivel/> Acesso em: 23 Abr. 2017 às 22:56

https://www.proec.ufg.br/up/694/o/07_jum_nakao_19.pdf Acesso em: 07 Mai. 2017 às 16:59

<http://www.ibahia.com/detalhe/noticia/jum-nakao-conta-porque-fez-o-historico-desfile-das-roupas-de-papel/> Acesso em: 08 Mai. 2017 às 11:40

<https://www.behance.net/gallery/17463401/Paper-dolls-> Acesso em: 17 Abr. 2017 às 17:03

<https://www.behance.net/asyakozina> Acesso em: 29 Mar. 2017 às 00:34

<http://www.coroflot.com/martuzana/the-rhythm-of-paper1> Acesso em: 24 Mai. 2017 às 23:43

<http://videoartefasm.blogspot.com.br/2013/06/videoperformance.html> Acesso em: 22 Jul. 2017 às 15:24

Apêndice

Eu sei, mas não devia

Eu sei que a gente se acostuma.
Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em
apartamentos de fundos e a não
ter outra vista que não as janelas
ao redor. E, porque não tem vista,
logo se acostuma a não olhar
para fora. E, porque não olha para
fora, logo se acostuma a não abrir
de todo as cortinas. E, porque
não abre as cortinas, logo se
acostuma a acender mais cedo a
luz. E, à medida que se acostuma,
esquece o sol, esquece o ar,
esquece a amplitude.



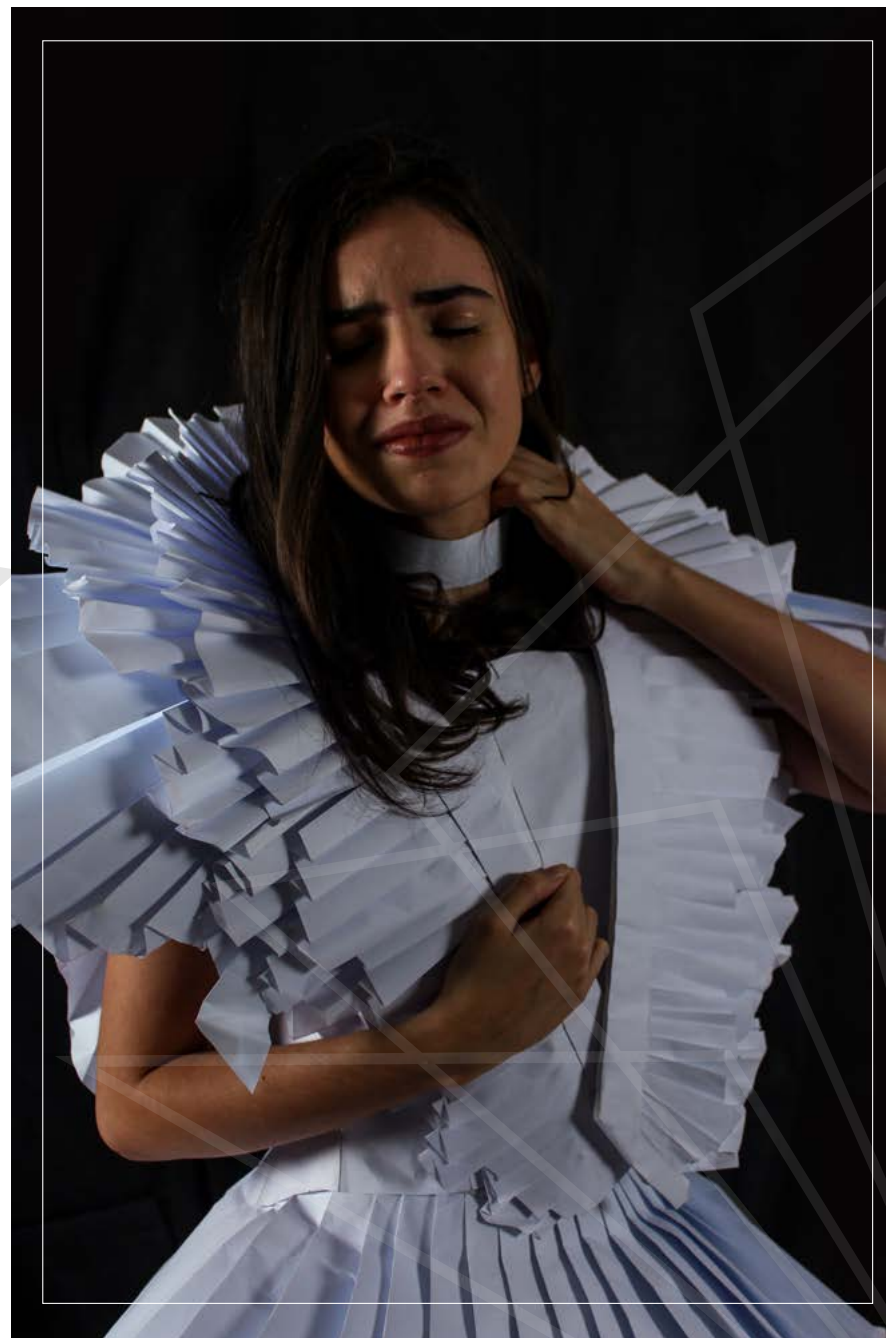


A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

Modelo: Laura Camargo
Foto por Tatiane Amano

Modelo: Luiza Martha
Foto por Laura Camargo

A gente se acostuma a abrir o jornal
e a ler sobre a guerra. E, aceitando
a guerra, aceita os mortos e que
haja números para os mortos. E,
aceitando os números, aceita não
acreditar nas negociações de paz. E,
não acreditando nas negociações de
paz, aceita ler todo dia da guerra, dos
números, da longa duração.





A gente se acostuma a esperar
o dia inteiro e ouvir no telefone:
hoje não posso ir. A sorrir para as
pessoas sem receber um sorriso
de volta. A ser ignorado quando
precisava tanto ser visto.

Modelo: Michael Garcia
Foto por Laura Camargo

A gente se acostuma a pagar por tudo
o que deseja e o de que necessita.
E a lutar para ganhar o dinheiro com
que pagar. E a ganhar menos do que
precisa. E a fazer fila para pagar. E a
pagar mais do que as coisas valem. E
a saber que cada vez pagar mais. E
a procurar mais trabalho, para ganhar
mais dinheiro, para ter com que pagar
nas filas em que se cobra.

Modelo: Laura Camargo
Foto por Tatiane Amano





Modelo: Vinícius Akamine
Foto por Laura Camargo

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desnorteado, lançado na infindável catarata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição. Às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias da água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta.

Modelo: Michael Garcia
Foto por Laura Camargo





A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

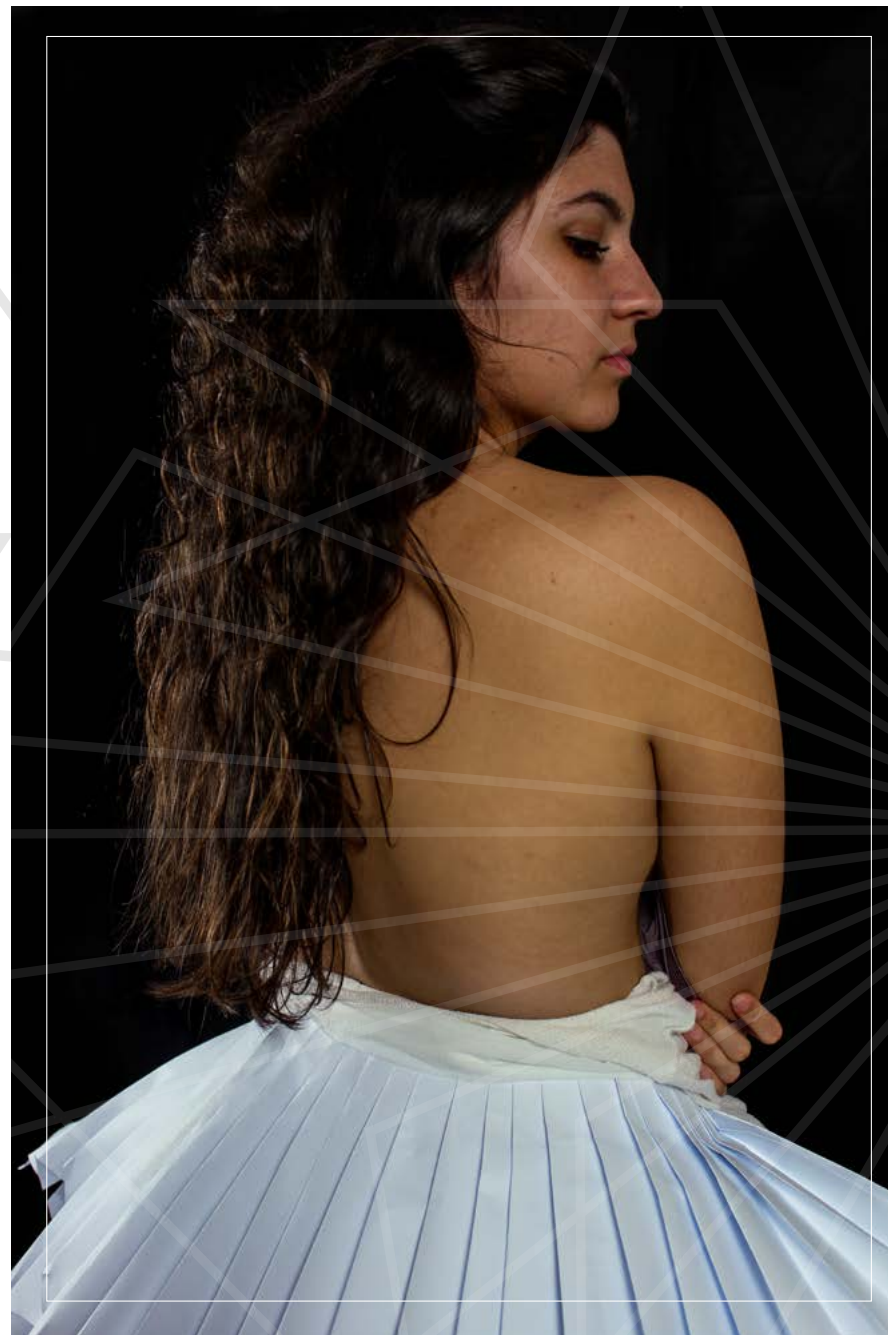
Modelo: Luiza Martha
Foto por Laura Camargo

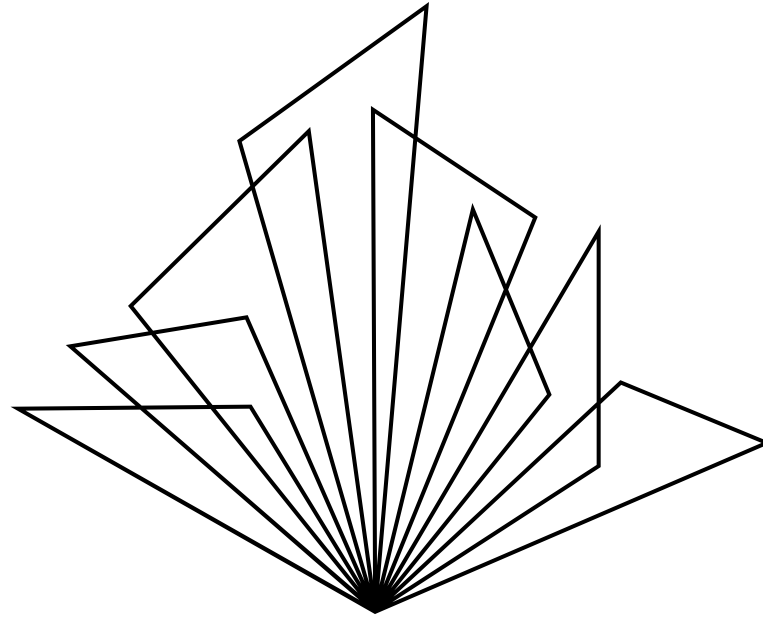
Modelo: Laura Camargo
Foto por Tatiane Amano

A gente se acostuma para não se
ralar na aspereza, para preservar a
pele. Se acostuma para evitar feridas,
sangramentos, para esquivar-se de faca
e baioneta, para poupar o peito. A gente
se acostuma para poupar a vida. Que
aos poucos se gasta, e que, gasta de
tanto acostumar, se perde de si mesma.

Marina Colasanti

“Eu sei, mas não devia”, Editora Rocco - Rio de Janeiro, 1996, pág. 09





costume

Tatiane Kaori Amano